



# O FAROL PAULISTANO.

*La liberté est une enclume qui usera tous les  
marteaux.*

QUARTA FEIRA 4 DE ABRIL.

*Ao Sr. Que quer saber.*

Muito apreciamos a delicada ironia, com que o nosso Correspondente ridiculariza os argumentos daquelles para quem o Claustro do seu Convento é tudo, e o resto do genero humano é nada, fazendo-os apparecer em um escolhido tribunal de Senhoras, prezidido por uma velha do tempo dos Jezuitas. Muito bem lembradas são as personagens, pois só Jesuitas ou pessoas infectadas de as nas maximas, podem ensinar tal doutrina, e tambem esta só pode ser acreditada por Senhoras, a quem a educação entre nós, pela maior parte, priva de poderem examinar questões de direito publico. Com todo para que a velha Jezuitica não faça falta, diremos quatro palavras chás, e sem rehuço

1.º Incontestavel 1.º que não se pode instituir uma congregação religiosa com direitos civis sem autorização do Imperante. 2.º Daqui se segue que o Imperante assim como prestou, pode revogar essa autorização, e dissolver a congregação. 3.º Dissolvida que seja, os seus bens entram na massa geral dos bens nacionaes. Escuzado é pois tratar do direito de propriedade, que não podendo ser exercido pelo corpo colectivo, que deixou de existir, sem que lhe marque um successor, não pode deixar de transferir-se a nação.

Mas o direito de propriedade, por causa do qual os Apostolicos da Hespanha tem abismado em um montão de ruínas a patria de seus paes, e de seus irmãos (não digo a sua porque elles a não tem) será o mesmo que exercem os individuos

na sociedade? O direito de propriedade terá em todos os cazos, e circumstancias a mesma extensão? De certo não.

Por exemplo: o direito de propriedade é em si mesmo estéril; e só digno de sustentar-se em quanto garante o emprego util das cousas: é a utilidade publica ou particular quem determina a extensão deste direito, o qual nos individuos da sociedade deve ser quasi ilimitado para estimular o genio, e animar o trabalho: bem diferentes são as circumstancias das corporações. Estas não existem para utilidade particular, mas publica; o direito que tem sobre as cousas que possuem não pertence aos individuos, mas ao corpo colectivo: os individuos, que compõem a sociedade só tem direito a serem alimentados à custa della, prestando os serviços a que se obrigaram; dissolvida a mesma sociedade só lhes pode restar esse direito. Ainda mais, como estas sociedades só existem, ou devem existir por utilidade publica, segue-se que o maior grão de utilidade publica deve determinar o seu modo de existir, e por consequência, concorrendo objecto de maior utilidade publica, a elle deve ser applicada parte do seu patrimonio, com tanto que fique salva a subsistencia de seus membros. Finalmente; olhando-se a differença que ha entre associações publicas para bem geral, e associações particulares para utilidade dos individuos, que as formão, ficará conhecida a differença do direito de propriedade que compete a cada classe.

Outra é a questão que entre nós se deve agitar: É útil dissolver as corporações religiosas? Fallo agora das monaças, porque se trata de propriedade: estas na sua primitiva instituição são congregações de leigos dados ao trabalho para exercerem a hospitalidade, e outros actos de beneficencia: tinham capelães, como entre nós ha em algumas fazendas; mas estes sendo mais atilados, e tendo a grande chave das consciencias, conseguirão esbulhar os leigos do poder temporal, que exercião nos seus estabelecimentos, e reduzirão nos a pouco menos do que seus criados: desde então os actos de beneficencia forão substituidos pela reza do côro, e administração dos Sacramentos: presentemente entre nós só pela reza, se exceptuar mos o ambicionado emprego de commissario de terceiros; e isto em poucos conventos, porque na maior parte não ha numero sufficiente de religiosos para fazerem côro. D'onde se conclue, que haveudo tantos objectos de utilidade publica a que podem ser applicados os conventos não occupados com sufficiente numero de religiosos para o côro, devem preferir ao estado de nullidade em que se encontrão: mesmo os outros sendo convertidos em collegios de meninos, que ahi rezassem, e aprendessem com a reza, o que convem saber, produzirão incontestavelmente maior utilidade publica tanto temporal, como espirital.

Felizmente os nossos Religiosos não tem aquella insociabilidade, e espirito de dominação, e tirannia, que tanto se tem desenvolvido entre os Espanhoes, e mostrado alguns symptomas em Portugal.

### CORRESPONDÊNCIAS.

Sr. Redactor—Tendo a satisfação de ler o seu FAROL n.º 5, tive igualmente o prazer de ver que entre os nossos Concidadãos apparece um Sertanejo com sentimentos tão elevados. A instituição da mocidade he uma couza, que sempre me dea no gôto. Ninguem pode duvidar que a ignorancia he uma cegueira, que prejudica ao individuo em particular, e prejudica ao todo da Nação. São com effeito incalculaveis os males, que nascem da ignorancia, e por isso louvo, e louvarei sempre os sentimentos do Sr. Sertanejo; bem que não concordo em toda a extensão com o seu modo de pensar—*Laudo vos, sed in hoc non laudo*—Como é livre á todo o Cidadão dizer os seus sentimentos, creio que eu estou nas circumstancias de publicar os meus, mormente por que não tenho susto de responder por elles, por isso que não ataco nem ao particular, nem ao publico. Supponhamos pois, Sr. Redactor, que a nossa Provincia he uma familia composta de vinte irmaes, dos quais um possui dois milhoes de cruzados, e que os outros possuem cada um apenas cincoenta mil reis. Supponhamos mais que esta familia constante de vinte irmaes possue com igualdade cada um d'elles cem mil cruzados. Isto posto, pergunto, em qual destes dois estados se acha esta familia mais bem arranjada, e em qual d'elles pode ser mais util a si mesma, e á Nação? Creio que não padese duvida que é

no segundo; pois é melhor, e mais util muitos remediados, do que um só muito rico, e os outros muito pobres. Estamos pois no caso, e discorramos assim: de que nos serve que dois, ou tres Estudantes vão formar aos Reinos Estrangeiros, e que cheguem a ser uns grandes homens em conhecimentos, se toda a nossa Provincia geme na mais profunda ignorancia! Olhemos, Sr. Redactor, para uma das nossas Villas, e veremos que ali o Capitão mór, e toda a sua Officialidade; o Juiz Ordinário, e os Vereadores; e se ha Milicianos, o Coronel com todo o seu Estado maior, os Subalternos, em fim...tudo he ignorancia. E não seria melhor fazer a todos, ou quasi todos remediados, do que deixallos na summa pobreza em que jazem, para fazer a coisa, ou tres, ou uma meia duzia muito ricos?

Se ainda se não tem cuidado no ensino de primeiras letras, e da lingua materna, para que linguas Estrangeiras, e para que Sabios? Diz o Sr. Sertanejo propondo a nova sociedade—Principiemos por esta, e depois teremos coragem para as mais—Mas isto parece-me que he principiar o edificio pelo tecto, quando deveríamos fazer pelos alicerces; parece-me que he principiar por onde deveríamos acabar. Por tanto, Sr. Redactor, que proponha a sociedade, mas por ora que seja para instruir a mocidade dentro de nossa Provincia. Que não se malogrem os sentimentos, o modo de pensar, as diligencias, e esforços do nosso inimitavel Presidente. Que se estabeleça a sociedade, cujos fundos sirvão para reforçar, e augmentar o seminario ja plantado nesta nossa Capital; que se faça outro tanto para o da Villa de Itú, que he o centro das Villas do Sul; e que se plante um novo na Villa de Taubathe, ou em outro qualquer ponto, que sirva de centro ás Villas do Norte da Provincia. Que se procurem, ou mandem vir mestres habeis para instruir a mocidade. Principiemos por habilitar a centenas de rapazes para se em sabios, e depois teremos coragem para fazer á muitos sabios. Parece-me, Sr. Redactor, que teremos accionistas, que satisficção aos nossos desejos, e parece-me mais, (e creio que me não engano) que o Nosso Imperador de mãos dadas com a nossa Augusta Assembleia hão de com muito prazer ajudar aos nossos esforços, e que nós todos seremos em poucos annos demaziadamente felizes. Tal he, Senhor Redactor, o meu modo de pensar, que me parece fundado em pura philantropia, e que julgo não haverá duvida em inserir-se no seu Farol; pois he muito seu Venerador. O

Segun' o Sertanejo.



Não duvidamos publicar esta correspondencia, ainda que contraria á opinião do 1.º Sertanejo, com a qual manifestamos praticamente concordar, porque, sendo o nosso fim o esclarecimento da verdade, ou o que é o mesmo, o descobrimento do maior bem, folgamos que as nossas opiniões sejam contestadas, para as ensinarmos, ou ractificarmos, deixando aos

Inimigos da liberdade da imprensa conduzir os homens ao abrigo das trevas para os enganarem.

A divergencia sobre os meios de chegar a um fim é muitas vezes causa de se não obter: ha muitos que querem o bem geral, mas cada um o quer por seu caminho, a desunião apparece, em fim não se obtem: neste caso estão os dois Sertanejos, vejamos qual tem razão.

O 1.º propõe uma subscrição para mandar alguns estucentes á Europa instruirem se nas sciencias. O 2.º quer que se principie pelos estudos primarios dentro da Provincia, dizendo: = se ainda se não tem cuidado no ensino das primeiras letras, e da lingua materna, para que linguas estrangeiras, e para que sabios? = Não podemos convir no principio, nem na consequencia. É contra a verdade sabida, que não se tenha cuidado no ensino das primeiras letras, pois além de dois Collegios, um nesta Cidade, outro em Ytú, talvez nenhuma Villa haja que não tenha escolla publica de primeiras letras, e se ha, deve se á indolencia da Camara que a não tem requerido; e tanto que a pequena povoação do Cubatão tem sua escolla, Sr. Bernardo ou já tem ou está para ter & : graças ao Exm.º Presidente. Não só ha escollas de primeiras letras, pelo máo methodo antigo; mas algumas pelo melhorado, e superior methodo de Lancastre; e sabentos, que são gratificados os que se propõem a ensinar por esta methodo. Ha não poucas aulas de Latim, alguma de Rethorica, Logica, e de differentes estudos ecclesiasticos, e uma de mathematica.

Quererá talvez dizer o 2.º Sertanejo que estas escollas não estão na devida perfeição? Convinos nisso; porem, quem pode reformal-as, e a perfeição as? serão os sabios ou os ignorantes? Esperamos do seu bom senso que voté pelos primeiros. Temos nós sufficiente numero de sabios na Provincia, que cheguem para os empregos politicos, administrativos, e de justiça, e sobrem para a reforma, e melhoramento das escollas primeiras? O conteúdo da sua carta diz que não. Logo o seu projecto é inexequivel, sem que lhe preceda o do 1.º Sertanejo. = Não se malogrem os disvelos do Exm.º Presidente: convimos; mas em que se malogrão? Nisto não entendemos o 2.º Sertanejo.

A riqueza igualmente distribuída por miltoz faz o povo mais feliz, como diz o 2.º Sertanejo, do que accumulata nas mãos de poucos. Esta semelhança não é exacta. Não tratamos de avaliar o estado da Provincia, tratamos de eleva-la a um novo estado. Se a Provincia estivesse pobre de cabedacs, e a quizessemos levantar da miseria, nada haveria mais próprio do que accumular em um centro os poucos fundos isolados para empregar em grande especulações de crédito, ou de effectiva producção: é neste caso de penuria, que são admissiveis as companhias, ainda que odtozas pelo monopolio, que mais ou menos exercitão. As casás de grandes fundos produzem as mesmas utilidades, que as companhias. Daqui se infere, que, para um paiz pobre seria uma grande fortuna a aquirição de casás colossaes, e se a semelhança vale, porque não será interessantissimo a esta Provin-

cia a aquirição de sabios? Se as grandes casás são necessarias para promover a riqueza de um paiz pobre, como não são necessarios os sabios para promover a instrucção aonde a não ha?

Quando nós propomos fazer instruir uns poucos de homens nas sciencias, não principiamos pelo tecto o edificio da instrucção publica; calçamos a alavânica, com que havemos de levantar a grande maquina. Sem elles iriamos tão errados como o navegante sem pilôto.

Se o 2.º Sertanejo reflectisse no mal que vão as couzas com gente de meio saber, seguramente se pressaria a augmentar a nos-a subscrição. Qual é a razão das anedotas pedantes, que se contão dos barbeiros das aldeias? É porque são nellas os menos ignorantes. O logar eminente, aonde o sabio deve ser collocado, está sempre cheio: se o sabio falta, o menos estúpido, ou o mais atrevido se apressa delie.

Sr. Redactor.

Milhares de benções o cubrão, assim como milhares de honvres lhe são dados por haver vencido os obstaculos, que o terror panico enredador tecera contra o estabelecimento d'uma typographia em São Paulo, e a publicação d'uma Folha periodica, alimento-indispensavel á vida social dos povos civilizados, aonde os quaes esta Provincia parecia estar excluida. A avidex, com que o seu *Parol* é procurado, é lido, preta não só que vai de accordo com os sentimentos dos Paulistas, porem, que lhes satisfaz uma necessidade, cuja privação os atormentava: Deixemos o que é sabido, ainda que a penna para lá queira ir, e vamos á um facto; que teve logar no meu retiro, pois que tenho a honra de ser amittido á correspondencia do *Parol*.

Ha dias não tenho estado tão *solitario*, como antes: muitas familias, á quem não perguntei os nomes, nem o destino tem tido hospedagem na minha casa, que á ninguem a nega; porem hontem, excitada já a minha curiosidade pelo numero, e tocado pela fizionomia grave, e magoada do chefe de uma, que conduzia sua mãe, sua mulher, e 4 pequenos filhos, manifestei-lhe a minha admiração, ao que elle respondeo entre soluços: = eu, e os outros vamos fugidos, porque se quer recrutar-nos para milicias. = Meu camarada, repliquei eu; vossa fuga me parece injusta, e até imprudente: vós deveis saber, que todo o Cidadão é obrigado a servir a sua Patria, e principalmente a defende-la dos inimigos externos, e perturbações internas: o serviço miliciano não é tão pesado, que vos prive de tractar dos vossos interesses: a fuga vos expõe a uma justa perseguição, e vós mesmos vos expontes á evidentes perigos; e privações no sertão, de que vossos tenros filhos estão mais arriscados a ser victimas. = O fugitivo ouviu com attenção, mas não sem lagrimas o meu discurso, e respondeo-me com interrupções o seguinte = Eu não ignoro os deveres, de que me fallaes, nem me falta animo para cumprilos, mas o amor, que tenho á minha esposa, e o que tenho visto na minha pobre casa, e nas dos vizinhos me arrastão á este acto

